

## O olhar repetido

(Por: Rose Marie Muraro)

A renomada artista plástica Mônica Mansur lançou em seu livro O OLHAR REPETIDO um dos mais interessantes desafios sobre a natureza da arte aos seus admiradores do século XXI. Para entendermos como é esse olhar repetido, temos que falar um pouco da história da reprodutibilidade em arte.

Até a renascença, a arte era um objeto único. As artes plásticas não tinham cópias, a não ser por algumas gravuras que já se faziam até a época. É a partir da renascença, com a invenção da imprensa, que se torna possível reproduzir palavras e desenhos artísticos em grande escala. Mais tarde, com o aparecimento da fotografia (no século XIX) acentua-se esta reprodutibilidade.

No século XX revistas, jornais e livros de arte, vão, de certa forma, “popularizando” aquilo que devia ser objeto de um êxtase espiritual, de uma contemplação que levasse aquele que estivesse observando o objeto artístico ao emaravilhamento. Esta excessiva reprodutibilidade leva à banalização da arte, o que nunca deveria ter acontecido, pois toda a arte tem por finalidade nos levar mais rapidamente aos caminhos do nosso ser profundo. A arte é e sempre foi um dos mais importantes caminhos da profundidade humana.

A segunda metade do século XX foi a época da cultura de massas, em que tudo começou a ser consumido e por isso mesmo, também descartado. Infelizmente a grande arte, principalmente as artes plásticas, de que trata este livro, como vimos - um dos mais importantes caminhos de alargamento do ser humano - passa a ser olhado com um olhar acostumado à repetitividade e por tanto, nos distanciando do emaravilhamento da “aura” que a grande arte possui. Isto lamentavelmente, tem levado o ser humano cada vez mais a ficar na sua superfície.

Não é a superfície que é o contrário do profundo, mas sim o consumo, que embota o tipo de consciência que precisamos ter de nós mesmos embotando a consciência que temos do caráter único da arte e isto está homogeneizando a humanidade por baixo. O homem moderno afunda na sua mediocridade. E segundo Mônica – e com ela estamos em total acordo – a única maneira de resgatar a beleza única de cada objeto artístico é fazermos o esforço de criarmos uma consciência da nossa própria unicidade, de que somos seres únicos e não simples componentes abstratos de uma multidão anônima.

Um instinto agudo e preciso dos grandes artistas levaram-nos a criar artes de choque para acordar os humanos da sua letargia, tais como o dadaísmo, o construtivismo e a própria arte “pop” que é uma transição entre a grande arte e a arte massiva. Mesmo essa arte de choque é passível de emaravilhamento. A arte contemporânea é um sinal de que o homem moderno está se desumanizando, tal como a música atual, a arte plástica contemporânea faz explodir as formas, as cores, como a música moderna explode as melodias nos ritmos.

Isto quer dizer que estamos numa fase de transição de civilizações, ou intuindo a nossa própria destruição como espécie humana, devido à nossa passividade diante da destruição da nossa natureza. A arte é e sempre foi profética.